

Educação para paz na formação em saúde: diálogos e utopias em Paulo Freire

Autor: Cláudio Claudino da Silva Filho

Orientador: Marta Lenise do Prado

Data da defesa: 21/02/2017

Local disponível para consulta ao documento:
<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/180700>

Resumo

O objetivo desta tese é compreender como os graduandos(as) em saúde, ao longo de seus itinerários formativos, significam/ressignificam a violência, reconhecem/compartilham experiências de aprendizagem para o enfrentamento da violência como prioridade de saúde, por meio de um processo dialógico. Defende-se a tese de que mudanças nas relações interpessoais e a incorporação do modelo problematizador de abordagem da violência no currículo pavimentam o caminho para a construção de uma cultura de paz na formação em saúde em uma perspectiva transversal e transdisciplinar. Trata-se de um estudo qualitativo, de abordagem participativa, baseando-se transversalmente nos pressupostos educativos de Paulo Freire e que, metodologicamente, se inspira nos Círculos de Cultura, propostos pelo mesmo educador, aqui utilizado como itinerário de pesquisa. Foram realizados cinco encontros, com duração média de três horas cada um, e participação de vinte e três graduandos de sete cursos diferentes da área de saúde, vinculados(as) a três instituições de ensino superior do oeste catarinense. A investigação temática iniciou após deferimento ético pelo CEPSH UFSC, sob parecer de aprovação nº 1.354.895 (07/12/15), CAAE nº 51302415.1.0000.0121. No primeiro tema/manuscrito, os(as) graduandos(as) significavam, inicialmente, relações violentas com papéis polarizados entre “vítima” e “agressor”, nas quais o educador e os profissionais de saúde/preceptores quase sempre são percebidos como culpados. Durante os encontros, emerge a implicação do(a) educando(a) com o seu próprio processo formativo, reconhecendo a necessidade de quebra dos silenciamentos coniventes com a perpetuação das violências em seu processo de formação. Ressignificam a partir daí a relação violenta como dialógica, com papéis fluidos, mutáveis e não antagônicos. No segundo tema/manuscrito, significam que a formação inicial não aproxima o acadêmico ao tema da violência, sendo essa “aproximação” percebida como conteúdo, na perspectiva da competência em termos de conhecimentos e habilidades “mensuráveis” e tecnicistas, sendo esse fenômeno enxergado como agravo em seus sinais e sintomas. Ressignificam que a violência precisa ser abordada para além de temas específicos sobre seus tipos/modalidades/expressões. No terceiro tema/manuscrito, os(as) graduandos(as) significam a sua formação em saúde e as relações de ensinar e aprender como produtoras e reprodutoras de violências, apontando que a aprendizagem, quando ocorre, se constrói individualmente pela própria vivência de violências ou pelas demandas em experiências de campo. Ressignificam que pouco importa a forma ou o conteúdo da inserção desse “tema” na formação, desde que haja mudança nas relações entre os sujeitos que ensinam e aprendem dialogicamente, para construção de saberes, visando não só ao enfrentamento de violências, mas sobretudo ao estímulo a uma cultura de paz. Esta, se for compreendida na graduação em saúde de modo transversal e transdisciplinar, possivelmente, trará ganhos mais substanciais na retomada de valores formativos que previnam as violências, e não apenas lidem na formação com os seus efeitos.

Palavras-chave (DECS/BVS): Educação superior; Violência; Currículo; Formação profissional em saúde; Estudantes de ciências da saúde; Pesquisa em educação de Enfermagem.